

EFEITOS DO DESAMPARO NA ATUALIDADE

Maria de Lourdes Terribile Rossi^a, Magda Aparecida Mesquita Pedone^{a*}

a) Centro Universitário da Serra Gaúcha - FSG

Informações de Submissão

*Autor correspondente (orientador)
Magda Aparecida Mesquita Pedone,
endereço: Rua Os Dezoito do Forte, 2366 -
Caxias do Sul - RS - CEP: 95020-472

Palavras-chave:

Desamparo. Função materna. Subjetividade.

Resumo

O desamparo está no cerne das questões da violência e agressividade que imperam na atualidade. O presente trabalho tem como objetivo compreender a questão do desamparo. O termo desamparo remete à ideia de abandono, de falta de amparo, de alguém que cai em esquecimento, que fica à mercê, sem proteção. O recém-nascido necessita do auxílio do Outro, pois encontra-se numa condição de desamparo e impotência por não dispor de uma capacidade psicomotora adequada para promover sua sobrevivência. Se suas necessidades básicas não forem atendidas, constitui-se um trauma que se traduz em angústia. Ele precisa receber as funções materna e paterna para estruturar-se psiquicamente. Isso acontece através do olhar, da voz, do cheiro e do toque materno. Posteriormente a função paterna desvia o olhar da mãe. Inaugura-se, então, a condição faltante e a criança começa a produzir algo como o balbuciar, elege um objeto transicional a fim de amenizar a falta materna. Se o processo de estruturação do aparelho psíquico for mal conduzido, surgem as patologias. O desamparo inicial induz ao desamparo atual, à questão psicossomática, ao pânico, à depressão, à melancolia. Isso leva o sujeito a um estado de desvalor, de capacidade diminuída, de pessimismo, angústia, ansiedade e melancolia. Ele extravasa esse excesso de dor marcando o corpo, via tatuagem, piercing ou cutting. A clínica psicanalítica é primordial para auxiliar e amenizar as dores emocionais e psíquicas. O indivíduo em sofrimento necessita de uma escuta específica para suavizar os efeitos funestos do desamparo experienciado. Através da palavra falada e da escuta do analista, o indivíduo pode olhar-se de modo diferente, ter o poder de escolha em sua vida. Ele passa a ser o autor da própria história.

1 INTRODUÇÃO

O desamparo está no cerne das questões da violência e agressividade que imperam na atualidade. Tudo é corriqueiro, tudo é descartável, tudo é permitido. Se as pessoas são obstáculos para a conquista de desejos e satisfações pessoais, basta eliminá-las. A vida assume um caráter de banalidade. As relações líquidas estão cada vez mais presentes. Usa-se e descarta-se. Isso remete a um profundo desamparo, a um desvalor incomensurável e exerce influência assaz na subjetividade do indivíduo. É proibido ser diferente. É proibido pensar diferente. Não é permitido envelhecer. Não há espaço para a singularidade. Há uma decadência visível dos valores morais e éticos. Perderam-se as referências de outrora, porto seguro para a tomada de decisões e alicerce básico para uma vida regrada e saudável. Se não há mais referências, se a solidão e o vazio são uma constante, em que bases conduzir e gerir a própria vida? Como dar vazão ao tamanho desamparo que invade o ser? Há predomínio da pulsão de morte, agressividade, violência e tendência à destruição.

O presente trabalho intitulado Efeitos do Desamparo na Atualidade, tem como objetivo geral compreender a questão do desamparo. A pesquisa tem como objetivos específicos, analisar de que forma o desamparo interfere na estruturação do psiquismo, estudar a função materna e a organização do psiquismo e as implicações do desamparo na atualidade. A problematização refere-se ao modo que o desamparo apresenta-se na atualidade.

Difícil conviver numa sociedade onde valores como respeito, reconhecimento e tolerância tornam-se mais escassos a cada dia. O homem abre mão de sua felicidade pelo imperativo da segurança. As pessoas distanciam-se de seus relacionamentos, famílias esfacelam-se. Predominam os relacionamentos virtuais quando o homem é um ser gregário por natureza.

Há um desgaste psíquico exacerbado em função de querer controlar a tecnologia, o meio ambiente, a política, as pessoas. É um investimento de energia bastante significativo que o indivíduo despense para dar conta de todas essas demandas. E nessa luta consigo mesmo e com o meio em que vive acaba perdendo seu bem mais precioso, a liberdade. E torna-se escravo da sociedade hodierna.

A felicidade é algo muito subjetivo, refere-se à satisfação das pulsões. Imperativo haver um equilíbrio entre prazer e desprazer. O ser humano, instintivamente, tenta evitar o sofrimento. Não é fácil relacionar-se com o outro, entrar em contato com universos tão distintos. Alguns evitam esse confronto e isolam-se em seu mundo particular a fim de impedir frustrações e decepções, outros

percorrem a via da drogadição e há os que dirigem-se ao caminho da sublimação. Conforme a constituição psíquica haverá predomínio sobre tais escolhas.

2 METODOLOGIA

Esse trabalho é resultado de uma pesquisa bibliográfica. Compreende os seguintes tópicos: função materna, depressão, marcando o corpo: tatuagens e cutting e papel da clínica psicanalítica. A pesquisa bibliográfica caracteriza-se por utilizar “material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos” (GIL; 2010, p. 29). Além das características acima citadas, essa pesquisa assume o caráter de qualitativa, que “... aborda o objeto de pesquisa sem a preocupação de medir ou qualificar os dados coletados” (COSTA; FINDLAY; GUEDES, 2006, p. 16). O material bibliográfico está restrito aos últimos 11 anos. O presente artigo justifica-se pelo interesse do pesquisador nessa questão em função da relevância do tema na atualidade.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

O termo desamparo remete à ideia de abandono, de falta de amparo, de alguém que cai em esquecimento, que fica à mercê, sem proteção. Evoca o sentido de ausência de ajuda e de um estado onde o indivíduo vê-se privado de meios que lhe deem sustentação para passar por uma dificuldade ou situação de vida. O amparo, ao contrário, transmite a noção de proteção, de abrigo e aconchego. De segurança para seguir em frente. O desamparo pressupõe a existência de outra pessoa, de uma mãe ou um cuidador que, supostamente, deveria abrigar, acalantar.

Esses aspectos são extremamente relevantes para o processo de subjetivação do indivíduo, do desenvolvimento infantil e da sexualidade. O investimento afetivo e libidinal recebidos da mãe ou cuidador são fatores determinantes para a constituição de alicerces básicos e do funcionamento psíquico. O desamparo supõe a interação com o Outro. Quando essa interação não existe o sujeito sente-se privado desse manancial de carinho e aconchego e, certamente trará repercussões.

O recém-nascido encontra-se num estado de total desamparo e impotência, pois ele ainda não dispõe de uma capacidade psicomotora e necessita do auxílio do Outro “para pôr fim à tensão

interna que experimenta. É o desamparo original, fundante e estruturante do psiquismo” (MENEZES, 2008, p. 25). Ele necessita de alguém que empreenda “uma ação específica” para atender suas necessidades básicas de fome, sede e higiene, caso contrário o nível de excitação torna-se traumático, pois ele não consegue lidar com tal situação. Isso vai se traduzir em forma de angústia. A situação de desamparo ou de plena satisfação das necessidades que o indivíduo enfrenta nos primórdios de sua existência serão fatores determinantes no seu modo de funcionamento mental. Quando o sujeito vivenciou essa situação faltante na sua base, toda vez que estiver frente a uma situação de desamparo na vida, automaticamente será tomado pela angústia.

O desamparo constitui a posição mais primitiva, visto que o sujeito encontra-se desprovido de qualquer recurso frente o desejo do Outro. A angústia surge como um esboço de organização interna. Tudo o que não se consegue nomear denomina-se angústia e é por essa via que o indivíduo vai traduzir e dar vazão à sensação de desamparo (MENEZES, 2008). A angústia remete a uma condição faltante. Ao nascer, todos os orifícios do bebê estão expostos aos cuidados do Outro. Conforme a atenção ou a negligência que lhe for dedicada, referente aos cuidados de aleitamento e higienização, poderá sentir-se acarinhado ou invadido e isso terá repercussões. O bebê necessita de auxílio externo para sobreviver. Isso evidencia uma condição real de uma fase concreta de sua vida (MENEZES, 2008). A amamentação vai muito além de suprir o alimento físico. Outras dimensões estão em jogo. A mãe erotiza, libidiniza o bebê através do olhar, do aconchego, do carinho, do toque, da fala. Todo corpo da criança é erotizado, erogenizado. Essa é a dimensão da pulsão. É o elemento que permite que o Outro materno inscreva o bebê no mundo. A mãe faz inscrições na criança que permitem que ela seja muito mais que um simples pedaço de carne, mas sim um ser psiquicamente constituído. Essas marcas são fundamentais para sua estruturação psíquica. Quando o bebê está chorando, a mãe diz: “você está chorando porque está com fome?” ou “você está chorando porque está com cólicas?” O choro é o significante e a mãe vai nomeando as várias possibilidades. O bebê aprende a responder a partir disso. Ele é banhado na relação com o Outro. A mãe supõe que o bebê já tem um saber, há uma divisão subjetiva entre a mãe e o Outro. Esse corpo simbólico, a imagem que o bebê tem de si, é construída na relação com o Outro.

É natural e incontestável que a criança sinta-se desamparada sob o ponto de vista biológico, pois seu aparato físico não lhe oferece condições de ser autossuficiente. No entanto, depender do Outro para dar conta de suas questões psíquicas implicará em questões vitais para a sua vida como a gênese da sexualidade, entre outros. A sexualidade tem origem numa função não sexual, não é

instintiva. O modo como a criança é tocada no intuito de sanar suas necessidades, promove um aumento da excitação pulsional e o Outro é que vai diminuir essa tensão interna no momento em que traduzir seu choro, suas necessidades. Essa via de descarga assume uma conotação de comunicação. A criança vivencia, então, uma experiência de satisfação promovida pelo Outro. Esse sujeito, o Outro, fica inscrito no psiquismo do bebê. Assim, “o encontro com o outro se inscreve como o processo de desejo e, desse modo, o desejo surge onde antes havia se manifestado o desamparo e a impotência” (MENEZES, 2008, p. 36).

O homem nasce com um potencial para tornar-se um sujeito psíquico, mas precisa de alguém que lhe dê condições para estruturar-se psiquicamente. Precisa receber do Outro as funções materna e paterna, pois geneticamente não traz esses saberes consigo. Ao nascer a criança não tem apropriação do próprio corpo.

3.1 Função materna

Quando existe o amparo necessário, o ato de pegar a criança no colo, de nomear as partes do seu corpo na linguagem do “manhês”, vai constituindo-a. A mãe vai fazendo um mapeamento libidinal do corpo do bebê. Ele começa a criar uma integridade corporal, apropria-se de si. É um choque sair do útero e ficar esparramado. A função materna permite à criança conectar-se ao mundo. A mãe exerce um encantamento na criança pela via do olhar, da voz, do cheiro e essas significações maternas estendem-se pelo seu pequeno corpo. A criança identifica-se através dessa nomeação, das palavras afetivas e o olhar materno é primordial nesse processo.

A função paterna consiste em desviar o olhar da mãe. Aí começa a condição faltante, a angústia. A questão fundamental para a constituição do sujeito depende da função materna que funciona como espelho e da função paterna que tira o olhar da mãe e a criança passa a constituir-se individualmente. Se o “eu primordial” não for bem constituído, o indivíduo ficará fragmentado e a função paterna não resultará em êxito. Para a criança separar-se da mãe é condição essencial que ela já tenha noção da constituição do eu. Não tem como separar o que nunca esteve unido. É necessário que a criança tenha se apropriado da própria imagem corporal para poder separar-se da mãe. A falta inaugura-se com o desvio do olhar da mãe e ela reage. Começa a produzir algo como a fala, elege um objeto transicional para lembrar da mãe e sofrer menos. Até então a criança não tinha por quê

falar, pois a mãe estava sempre à sua disposição. Como a função paterna organiza a falta, a criança começa a construir.

Mas, diante do desamparo, como ficam essas questões? O desamparo coloca o bebê numa posição de dependência passiva, de assujeitamento ao Outro. A mãe, ou quem desempenha a função materna, erogeniza o bebê através dos cuidados dispensados. Sendo a criança totalmente dependente, esse sujeito exerce uma função de sedução sobre o bebê, deixando-o numa situação de dependência do amor do Outro. O desamparo orgânico reflete-se no desamparo psíquico. Essa sedução materna ocorre num período anterior à aquisição da fala e, portanto, não há como ser simbolizada. Freud diz que no período da latência a criança tende a ter uma relação como a que teve com a ama de leite, junto às pessoas que a auxiliam em seu desamparo. Os cuidados maternos vão muito além da simples preservação da vida biológica. Constituem-se num “*plus*” que é de caráter sexual, inconsciente e enigmático. É em função dos cuidados corporais que origina-se a sexualidade. Assim o indivíduo constitui-se na relação com o Outro, “a partir de algo que lhe transcende, que lhe é exterior” (MENEZES, 2008, p. 43).

Quando o processo de estruturação do eu é mal conduzido surgem as patologias. Até a puberdade o sujeito encaminha-se mais ou menos bem. Mas quando ele é chamado a ser sujeito, quando ele é convocado a dar conta das questões que perpassam pelo ego no dia a dia, mostra sua estrutura deficitária (PORT, 2016). Há uma desadaptação em relação à estrutura psíquica. O comportamento denuncia a falha na estrutura e no funcionamento. Nas patologias mais graves há uma falha materna justamente na questão do desamparo, algo que remete a um vácuo, um abandono. Esse vazio precisa ser preenchido, não importa a via. Pode ser através da religião, da drogadição, da compulsão alimentar, do consumismo, da corrida desenfreada pela busca da beleza e perfeição física. Cada indivíduo vai definir esse direcionamento. Kierkegaard, filósofo e teólogo dinamarquês, diz que a angústia é o vazio da existência. Muitas vezes essa dor induz o indivíduo a marcar o corpo, partindo para o acting-out. Por trás desse gesto sempre há um pedido de socorro e, conseqüentemente, a angústia está no cerne dessa questão.

A angústia é um dos conceitos mais importantes em Psicanálise. Tem a angústia de castração (neurose), angústia de fragmentação (psicose), angústia de aniquilamento. O homem é um ser de angústia por natureza. Essa aflição inquieta, incomoda e cumpre seu papel primordial quando faz o indivíduo questionar-se, pois é ela que move o sujeito a ir em busca de algo que o preencha e

essa é sua função por excelência. A medicação produz um embotamento do afeto, da angústia. O indivíduo deixa de interrogar-se, pois há um tamponamento dessa mola mestra que instiga o indivíduo ao questionamento. Esse conflito tem a ver com a condição humana, a pulsão de morte, o buraco, a falta que habita o ser. É o mal-estar que reside na sociedade contemporânea.

O desamparo inicial induz ao desamparo atual, à questão psicossomática, ao pânico, à depressão, à melancolia, dores reconhecidas como patologias do vazio. Imperam as relações líquidas, efêmeras, superficiais que remetem o indivíduo a uma condição de desamparo psíquico. Tudo é descartável. Isso induz o sujeito a um estado de desvalor, de capacidade diminuída, de pessimismo, angústia e ansiedade. Como preencher tamanho vazio interior? De que forma aliviar tamanha dor? É tão intensa que torna-se imperativo extravasá-la, ainda que para isso torne-se necessário marcar o corpo, seja por meio de tatuagens, piercings ou passar ao ato, acting-out. Automutilar-se. Marcar fora o que corrói dentro. Ainda assim a dor física é menor que a dor psíquica. Atualmente o termo “cutting” está em voga para definir tal processo.

3.2 Depressão

A depressão é conhecida como o mal do século. Caracteriza-se por uma tristeza profunda, embora nem toda tristeza possa ser considerada depressão. O humor é uma das funções do ego que está dentro dos transtornos afetivos. Hoje a depressão é um sintoma social. Há o imperativo de ser feliz, jovem, ter um corpo perfeito, ter dinheiro, gozar a vida. Não é permitido envelhecer nem trazer impressas as marcas do tempo, da história vivida. O capitalismo vigente traz toda essa exigência consigo. Pouco importa o conceito social de subjetividade, bem como os valores e a ética. Não há mais referências. É o desmantelamento da subjetividade. Há que resgatar-se os valores, as tradições que servem de base para uma vida saudável e plena de sentido.

A melancolia é ainda mais grave, pois é um vazio no cerne do ser pela ausência do Outro que não se inscreveu porque não teve presença. Essa falta de representação deixa o indivíduo sem sustentação psíquica. É o amor que sustenta o ser (PEDONE, 2016).

3.3 Marcando o corpo: tatuagens e *cutting*

As demandas do mundo atual, a falta e/ou inversão de valores que presidem o cotidiano, a exigência de suprir necessidades básicas iminentes estão interferindo enfaticamente no processo de subjetivação das últimas gerações. As novas configurações familiares, o imperativo de trabalhar além da conta para poder oferecer condições materiais mais favoráveis estão levando os pais a se afastarem cada vez mais precocemente de seus filhos. As crianças pertencentes às classes sociais menos favorecidas são arrancadas precocemente de sua condição infantil e colocadas no mercado de trabalho a fim de auxiliarem na renda familiar. Crianças oriundas de classes mais abastadas, por sua vez, assemelham-se à mini executivos, com agendas, horários lotados e compromissos que concorrem com o mundo adulto.

Antigamente os poderes materno e paterno eram bem definidos, pois “a figura paterna se inscrevia no registro da governabilidade do espaço público, a figura materna se inscreveu no registro da governabilidade do espaço privado” (BIRMAN, 2005, p. 6). Hoje as crianças passam a preocupar-se com seu futuro muito precocemente, deixando-as sem espaços para os jogos e brincadeiras infantis como era costumeiro em outras décadas. Há solidão e tristeza no mundo infantil. Observa-se muito menos relações de trocas entre as crianças, uma vez que os casais reduziram consideravelmente o número de filhos. A solidão e o tempo livre são preenchidos com *tablets* e jogos eletrônicos. A interação é com o mundo virtual. Diante da televisão, crianças e adolescentes ficam expostos à situações pertinentes ao mundo adulto, como a violência, a sexualidade, as drogas. Quem estipula limites a esses indivíduos? Ficam à mercê de si mesmos ou aos cuidados de uma mãe substituta. Isso tudo influencia sobremaneira no processo de subjetivação dessas gerações.

A infância e a adolescência obrigatoriamente encerram mais cedo. Necessidades materiais iminentes prevalecem sobre as emocionais e psíquicas. Sem o afeto dos pais e com a sensação de abandono, conflitos, medos, inseguranças e responsabilidades vão tomando conta dessas crianças e adolescentes. Ficam mais expostos à sexualidade e à violência precocemente. É a via que encontram para suprir suas carências afetivas e a solidão presente em suas vidas. Tudo isso resulta em fragilização psíquica em função da falta de investimento afetivo a que foram submetidos. Os pais compensam sua ausência com medidas de superproteção. Dessa forma tornam-se pessoas mais infantilizadas e sem condições de se confrontarem com os perigos e a violência impostos pela vida urbana.

Permanecem por mais tempo na casa dos pais por falta de recursos para gerir suas vidas. Alguns buscam prolongar seus estudos com o intuito de adquirir melhores condições para se inserir no mercado de trabalho. Mas com empregos mal remunerados protelam sua permanência na casa paterna e, por consequência, a fragilização e a infantilização atrelam-se a esse processo. Nas classes menos abastadas, por sua vez, a evasão escolar é bastante grande. No entanto, esses jovens aprendem desde tenra idade a se virar mais e se fragilizar menos, em função dos obstáculos que a vida lhes impõem precocemente.

Num contexto onde comungam a falta de investimento afetivo, a fragilização, a infantilização e a falta de perspectivas para o futuro, a droga, a violência, o *cutting* permeiam a vida dos jovens. São antídotos contra o sofrimento psíquico que portam. A sensação de impotência os induz à agressividade, a estampar essa dor no próprio corpo. Desse modo “a cultura da tatuagem, que hoje se dissemina, é uma das formas de singularização buscada hoje pelos jovens, diante da invisibilidade identitária que os marca a ferro e fogo” (BIRMAN, 2005, p. 21). É imperioso reconhecer que é “o desamparo que caracteriza a juventude hoje, que inscreve e marca dolorosamente no seu corpo, lancetado pelas tatuagens, a sua condição psíquica torturada” (BIRMAN, 2005, p. 21).

3.4 Papel da clínica psicanalítica

A vivência da indiferença projeta o indivíduo a uma condição de desamparo e resulta em fraturas do alicerce do psiquismo que o sujeito portará durante sua existência. É nesse cenário desolador que encontra-se a etiologia da psicopatologia, onde o ato-dor é a matriz do desamparo vivenciado. A clínica psicanalítica desempenha papel primordial para auxiliar e amenizar as dores emocionais e psíquicas. Se o bebê necessita de uma ação específica para obter uma vivência de satisfação, o indivíduo em sofrimento psíquico necessita igualmente de uma escuta específica a fim de amenizar os efeitos funestos do desamparo experienciado.

O analista lhe oferece a possibilidade da interrogação e “a interrogação convoca o sujeito a existir; se lhe é endereçada uma pergunta, é reconhecida sua existência e seu direito de pensar” (MACEDO, 2011. P. 82). Assim, “ao poder *questionar-se*, a palavra serve ao analisando como recurso de metabolização para o que inicialmente se apresentava em intensidade impensável”

(MACEDO, 2011, p. 82). Por meio da palavra o indivíduo pode vir a construir outros sentidos para a sua dor e encontrar novas possibilidades de destino para ela que não seja marcar o corpo. Quando o paciente é inquirido pelo analista, sente-se alguém capaz de pensar e através do raciocínio, do pensamento consegue elaborar suas questões e dar um novo direcionamento à sua dor, vislumbrar meios de metabolizar suas angústias e ressignificá-las.

Freud descobriu que a palavra falada e direcionada à alguém que escute atentamente, provoca um efeito de cura, de elaboração dos conflitos e de reencontro consigo mesmo. Essa descoberta revolucionou o tratamento psicanalítico. O analisando, através da transferência ao analista, passa todo o seu atordoamento psíquico no qual manteve-se aprisionado e refém da indiferença sofrida nos primórdios de sua existência. Através da fala o indivíduo vai apropriando-se de sua história infantil e ressignificando os recursos que lhe foram usurpados pelo Outro.

O analista, por meio da escuta, pode entrar com o registro da diferença. Reconhece que a sua frente encontra-se alguém em sofrimento psíquico que expressa sua dor em ato e, portanto, na ética da contratransferência, esse profissional recusar-se-á “a repetir em suas intervenções atos de invasão” (MACEDO, 2011, p.85). A Psicanálise possibilita resgatar o que está encoberto em ato. Através da escuta o analista permite que o analisando consiga olhar-se de modo diferente, pois o sujeito sai da condição de indiferença e passa a ser reconhecido na diferença. Ele consegue inserir-se num cenário de independência e autonomia em relação ao outro, ele passa a ter o poder de escolha em sua vida. Esse é um procedimento libertador. O processo analítico permite ao analisando construir novos recursos para cuidar de si próprio e usufruir maior qualidade em suas relações. O indivíduo passa a ser autor da própria vida e deixa de estar submisso ao poder mortífero do outro.

O ato-dor evidencia os efeitos danosos ao sujeito que permaneceu refém do mortífero na vivência da indiferença, e revela o quanto lhe foi usurpado o direito legítimo de ser ele mesmo diante do outro. No setting terapêutico, a partir da escuta da singularidade, o analisando depara-se com o recurso de desaprisionamento de si mesmo e isso equivale “à ação específica da experiência de satisfação” (MACEDO, 2011, p. 89).

A potencialidade da clínica psicanalítica está no *vir a ser* que o analisando é capaz de construir e no fato de que, na qualidade sensível da escuta do analista, lhe é oferecida uma via facilitadora aos investimentos necessários à recuperação de um si mesmo fraturado. Rompe-se, em vista disso, a força de uma matriz mortífera (MACEDO, 2011, p. 89).

4 ANÁLISE DE DADOS

Uma constituição psíquica saudável é fundamental para a saúde mental do indivíduo. É sobre essa base que o sujeito pautará seu comportamento e norteará sua vida. Definirá a via pela qual se encaminharão seus relacionamentos, suas escolhas, tomadas de decisão, segurança perante os percalços da vida, confiança em si e nos que o cercam. Uma criança quando bem amparada em seus primeiros meses de vida desenvolverá um aparelho psíquico salutar e, essa matriz que porta desde tenra idade o acompanhará por toda sua existência, proporcionando-lhe todas as condições internas para alcançar êxito e sucesso em seus empreendimentos. Um aparelho psíquico saudável consegue metabolizar todos os estímulos que entram. O sujeito consegue processar psiquicamente as cargas emotivas que provêm do mundo externo.

Porém, quando os estímulos recebidos despertam uma tensão interna maior do que aquela que o indivíduo consegue metabolizar, torna-se traumático para o seu psiquismo. Isso trará repercussões negativas. Imprime marcas que em algum momento de sua existência terá que se haver com isso. O psiquismo depara-se ante um descompasso dramático pela carga emotiva que irrompe e a ausência de possibilidades de processar essa demanda. Todo excesso ultrapassa ao montante de representações que o indivíduo porta. Esse traumático gera muita angústia. Toda vez que o indivíduo enfrentar situações similares durante a vida, disparará a angústia inicial, a sensação de impotência e incapacidade de lidar satisfatoriamente com a situação a ser superada.

Quando a criança vivencia o desamparo sente-se usurpada do direito infantil de existir. A criança experimenta a indiferença no encontro com o semelhante. A indiferença pode ser entendida como uma “violência imposta à criança por parte do adulto em um tempo primordial de estruturação do psíquico” (MACEDO, 2011, p. 42). A vivência de satisfação a que Freud se reporta, refere-se ao suprimento das necessidades básicas do rebento. A vivência da indiferença remete à ausência de ajuda alheia. O Outro só consegue oferecer à criança a sua indiferença. A indiferença, nesse caso, representa algo em excesso como a carência, a insatisfação, a falta de afeto e atenção. Dessa forma, “a característica essencial do acontecimento traumático é exatamente seu efeito de captura do sujeito pelo excesso que o invade” (MACEDO, 2011, p. 42). Traumático é tudo o que é da ordem do violento, do intrusivo e que exige uma capacidade de processamento psíquico superior à que o indivíduo porta.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo ser humano merece vir ao mundo cercado de amor e cuidados. Quem for imbuído de amor e autoestima responderá de forma saudável e equilibrada aos desafios que a vida lhe impuser. Contará com um manancial de recursos internos que o sustentarão perante os percalços do caminho. A vivência com o outro traz seus efeitos a posteriori. Infelizmente há os que lutam para sobreviver desde a saída do útero materno. Desprovidos de possibilidades físicas e psíquicas sentem-se abandonados à mercê da própria sorte. Sucumbem diante do desamparo que lhes é imposto. Resistem com os poucos recursos que lhes são ofertados. Mas todo ato de violência sempre deixa suas marcas. Trazem no íntimo do ser as cicatrizes que lhes foram impressas a ferro e fogo. Tais estigmas internos revelam-se através da violência, da agressividade, do desejo de autodestruição.

Quem nutriu-se do néctar do amor dissemina confiança, autoestima elevada, segurança e bem estar. Quem provou do fel do desamparo segue a passos vacilantes vida afora. Esses indivíduos portam o trauma no cerne de seus seres. Beiram a vulnerabilidade psíquica, a fragilidade emocional, a baixa alteridade. São as marcas do desamparo que a sociedade moderna vislumbra. A solidão, o vazio e o desamparo terrífico permeiam o indivíduo contemporâneo.

6 REFERÊNCIAS

- BIRMAN, J., **Tatuando o desamparo, a juventude na atualidade**. Rio de Janeiro, 2005. Site: “http://www.janehaddad.com.br/arquivos/tatuando_o_desamparo.pdf” Acesso: 10/10/16.
- MACEDO, M. M. K.; MORAES, E. G., **Vivência de Indiferença – do trauma ao ato-dor**. 1ª Ed. Itatiba/SP, CasaPsi Livraria e Editora Ltda., 2011. ISBN 978-84-8040-043-4.
- MENEZES, L. S., **Desamparo**. 1ª Ed. Itatiba/SP, CasaPsi Livraria, Editora e Gráfica Ltda., 2008. ISBN 978-85-7396-599-5.
- PEDONE, M. A. M., **Apostila de Psicopatologia II**, Centro Universitário da Serra Gaúcha FSG, Caxias do Sul/RS, 2016,

PORT, I. F., **Apostila de Psicologia Educacional I**, Centro Universitário da Serra Gaúcha FSG, Caxias do Sul/RS, 2016.